

Direções sindicais assumem a política dos capitalistas e subordinam a luta às demandas do governo federal

Lutar pela independência de classe dos sindicatos e pelas reivindicações de emprego, salário e direitos!

FENTECT E FINDECT 'LUTAM CONTRA OS JUROS ALTOS'. A SERVIÇO DE QUEM?

Não bastasse a farsa das “mesas de negociação permanente”, que Centrais e sindicatos assumiram com o atual governo federal, desde janeiro, agora elas se lançam em uma campanha “contra os juros altos”.

Como afirmamos no boletim anterior: sem mobilização, não há negociação! E isso ficou claro na discussão sobre o salário-mínimo nacional. Nem a proposta da CUT, nem a da CTB, foi atendida pelo governo, ainda que fossem tão miseráveis como o atual salário-mínimo.

Em fevereiro, as direções sindicais dos trabalhadores dos Correios também se reuniram com o governo, e nada trouxeram desse “diálogo”. Fizeram, como direções dóceis e conciliadoras, longos elogios à “mesa de negociação”. Mas, qual pauta levaram para debater? Nenhuma. Apenas reforçaram o que o atual governo já havia indicado: que não haverá privatização dos Correios por meio do PL 591/2021. Nada mais.

Agora, tanto os sindicatos filiados à FENTECT (CUT) quanto a FINDECT (CTB) usam seus meios de divulgação para chamar os trabalhadores dos Correios a lutarem contra “a política de juros altos”. Houve, inclusive, “ato” em frente à sede do Banco Central, no Rio de Janeiro, e um “Dia de Luta por juros baixos”, manifestações que, claramente, foram ignoradas pelo conjunto dos trabalhadores, mas que revelam bem qual é a política das direções sindicais.

A política de “juros altos” ou de “juros baixos” não determina o crescimento econômico de um país semicolonial, como o Brasil. Durante os dois primeiros mandatos de Lula, quando a economia nacional e internacional cresceu, os juros eram altíssimos, e isso não impediu o crescimento. Sabemos, também, que os juros altos favorecem o capital financeiro, mas quem defende os juros baixos? Os capitalistas de setores nacionais que precisam do dinheiro público.

Para os trabalhadores, não interessa nem a inflação, nem os juros baixos. O que interessa é um salário-mínimo que atenda as necessidades de si e sua família, o que, pelos cálculos do DIEESE, deveria ser, ao menos, de R\$ 6.500,00, para uma família de 4 pessoas viver dignamente. Ao lado do salário-mínimo digno, um sa-

lário-mínimo vital; para os trabalhadores, interessa a recomposição das perdas salariais contra o aumento do custo de vida, da inflação, o que significa que interessa um reajuste regular dos salários conforme aumenta a inflação (a escala móvel de reajuste).

Perguntamos, companheiros: as direções sindicais defendem um salário-mínimo vital? Defendem a escala móvel de reajuste? Ou seja, defendem a vida do trabalhador? Não.

Daqui a alguns meses, estaremos em plena data-base de nossa categoria (agosto), e não se iniciaram as assembleias presenciais para debater as perdas históricas de nossos salários, os direitos destruídos desde a derrota da greve de 2020, ou para levantar as necessidades para melhorar as condições de trabalho. Em vez disso, as direções fazem campanha em relação à política de juros, como se esta não fosse uma demanda dos capitalistas e de seus governos.

No fundo, os burocratas sindicais que estão nas duas Federações e nos sindicatos estaduais de trabalhadores dos Correios não levantam as reivindicações próprias dos ecetistas, porque são um pilar de sustentação do novo governo. Mentem para os trabalhadores, afirmando se tratar de “seu” governo, quando é um governo para os capitalistas, sejam nacionais ou internacionais, e não para o conjunto dos explorados do país.

A luta pela independência de classe é central neste momento, porque todas as direções querem que os sindicatos e as demandas dos trabalhadores estejam subordinadas às demandas do governo federal, que, por sua vez, responde ao grande capital.

A defesa dos Correios, de nossos empregos, de nossos salários e de nossos direitos só pode ser garantida pela mobilização sistemática, pela luta dos próprios trabalhadores. Os ecetistas não devem acreditar nas “promessas” do novo governo, e sim garantir seus direitos por meio da luta, das assembleias de base, da mobilização, dos atos em defesa das reivindicações da categoria e dos trabalhadores. Não lutamos pela demanda dos patrões e dos governos, lutamos pela vida dos explorados! Defendemos um salário-mínimo vital e a escala móvel de reajuste contra a inflação, a política monetária dos governos, e a piora nas condições de vida das massas trabalhadoras.

AS DIREÇÕES SINDICAIS QUEREM MAIS EXPLORAÇÃO DO TRABALHO NO INTERIOR DOS CORREIOS

Embora as direções sindicais reconheçam que não há concursos há mais de uma década e, assim, cresce a terceirização, e que há uma falta crônica de ecetistas, porque o trabalho na Empresa só aumentou na última década, tendo “estourado” no período da Pandemia, apesar de tudo isso, agora, estas mesmas direções fazem “propaganda” para a contratação de “jovens aprendizes” nos Correios.

O site da FENTECT colocou como matéria de destaque de seu site a propaganda quanto ao edital para a contratação de jovens de 14 a 21 anos, pelo programa “jovem aprendiz”. É uma barbaridade!

O “jovem aprendiz” trabalhará 20 horas por semana, e receberá menos de 1 salário-mínimo, porque será contabilizado o salário-mínimo hora, e executará tarefas de atendentes nas agências dos Correios. Isto é, faltam ecetistas; os que estão trabalhando estão sobrecarregados, e a direção da Empresa, para dar um “jeitinho”, contrata jovens pobres para receber menos de 1 salário-mínimo e, assim, manter a falta crônica de trabalhadores nos Correios.

Uma direção sindical classista e combativa se oporia, por princípio, a esta fraude de programa, que recruta mão-de-obra mais barata para realizar tarefas e funções que empregados contratados pela CLT também realizariam, mas recebendo mais que o salário-mínimo. O programa de “jovem aprendiz” foi instituído entre os governos de FHC e Lula, e serviu para mascarar o desemprego entre a juventude, que, por exemplo, até os 16 anos, não poderia mais ter carteira assinada, como qualquer trabalhador, e entraria nas empresas como um “aprendiz”.

A política classista em relação à falta de trabalhadores se desdobra em duas bandeiras: a de efetivação imediata de todos os terceirizados que já trabalham, e que não necessitam de nenhuma aprovação em concurso, e a de concurso público para NOVAS vagas, ampliando o quadro existente para responder ao aumento do trabalho na Empresa.

São mais de 4 mil vagas, ofertadas pela ECT, pelo país e, com certeza, aparecerão dezenas de milhares de jovens desempregados, que aceitarão qualquer valor, só para poder ajudar na composição da renda familiar. O governo e as empresas, estatais ou privadas, se utilizam desta mão-de-obra vasta e barata, e para ampliar a precarização das leis trabalhistas e rebaixar a média salarial. As direções sindicais NUNCA deveriam assinar embaixo de tal política. Devem defender os empregos e os direitos a todos os trabalhadores, independentemente da idade.

Lutamos contra a exploração do trabalho e o desemprego por meio de bandeiras históricas, que devem ser sempre levantadas em cada Campanha salarial: Redução da jornada de trabalho e Escala Móvel das Horas de Trabalho (isto é, divisão das horas de trabalho entre todos os aptos a trabalhar, sem redução salarial), eliminando assim o desemprego e a miséria, que produzem mais e mais trabalhadores, jovens e adultos, dispostos a se vender por migalhas, enquanto as empresas enriquecem e têm lucros bilionários, a exemplo da própria ECT.

A GUERRA NA UCRÂNIA EXPÔS A TODO O MUNDO OS PREPARATIVOS QUE OS PAÍSES DA EUROPA, OS EUA, E O JAPÃO FAZIAM PARA CERCAR RÚSSIA, CHINA E COREIA DO NORTE. A OTAN ARMOU E ARMA O GOVERNO DE ZELENSKY MANTENDO, COM O CUSTO DE MILHARES DE VIDAS, O PROLONGAMENTO DA GUERRA.

A burocracia da Federação Russa, encabeçada por Putin, foi à Guerra quando as manobras diplomáticas para impedir que a Ucrânia também compusesse a OTAN se mostraram inúteis. A OTAN, que é o braço armado dos EUA e do imperialismo, cercou a Rússia ao longo de 30 anos, mesmo com o “fim” da guerra fria. Ocorre que, mesmo com a destruição da URSS e do Leste Europeu, a Rússia manteve-se como um Estado operário degenerado, apoiado na propriedade estatal, como a China e a Coreia do Norte. Todas as frações do imperialismo precisam destruir as conquistas, produzidas pela economia estatal, e fruto das revoluções proletárias do passado, para fazer frente à crise estrutural do capitalismo.

Destruir a economia destes países, o poder que exercem em suas regiões e no mundo, é um imperativo para o imperialismo. A OTAN e todo o orçamento trilionário voltado a manter guerras regionais permanentes é parte deste objetivo.

Embora o governo de Putin aja com os métodos autoritários, próprio de uma burocracia corrompida, sua ação é de impedir que o braço armado do imperialismo destrua sua economia nacionalizada. A derrota militar da OTAN significa barrar a política expansionista do imperialismo. Uma política proletária defende a derrota do imperialismo, e defende a economia dos Estados operários degenerados. Se a OTAN não for derrotada na Ucrânia, avançará para outras regiões, impulsionando o conflito entre Taiwan e China.

Fim imediato das sanções econômicas contra a Rússia!

Pela derrota da OTAN na Ucrânia!

Abaixo o governo pró-imperialista de Zelensky, por meio do levante das massas ucranianas! Defesa da Revolução Social para libertar as massas ucranianas e do leste europeu!

Pela Revolução Política na Rússia: varrer com a burocracia restauracionista de Putin, para devolver o Estado Operário às mãos do proletariado russo e acabar com a opressão nacional!

Escreva e contribua com denúncias, notas e para organizar a Corrente Sindical Marxista - Guillermo Lora: correntesindicalmarxistagloria@proton.me